

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 603	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Loboa, L. da Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	36500	18900	6960	6120	25 DE SETEMBRO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		

I.º CENTENARIO DO NASCIMENTO DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA



MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA — BUSTO EM MARMORE PELA SR.ª DUQUESA DE PALMELLA.



CHRONICA OCCIDENTAL

Vi-a no outro dia envolta em nuvens.

E' a mais bella das terras do mundo. Nenhuma tem como Cintra, surgindo fantasticamente em meio da charneca arida, aquelle aspecto de fada maravilhosa, scintillante, apparecendo bemfazeja, entre aureolas de luz branca, nas cavernas escuras das magicas.

A alma da natureza suspira plangentemente apaixonada nas sombras azuladas dos seus arvoredos, perfuma-lhe os ares, que se bebem sofredamente a plenos pulmões. Os ribeiros cantam, saltando de pedra em pedra, limpados como lascas de cristal, alegres como um rufar de alfofar cabindo d'alto em sonoras taças d'ouro. Por entre a folhagem moveida passam os raios do sol, projectando no chão atapetado pelas folhas hostias luminosas.

Cada um d'aquelles penedos de granito sahe mil historias velhas, conheceu milhares de gerações, viu os amores dos homens barbaros, que se vestiam com pelles e á sombra d'elles dormiam abraçados ás amantes, ouviu falar mil linguas e cantar os versos de Homero e Virgilio, viu as favoritas dos reis moiros subindo pela serra e ouviu-lhes o cantar monotono, cheio de saudades pelo esposo ausente, foi testemunha das nossas glorias e dos nossos desastres, e sobretudo viu amores, viu amores, desde o homem barbaro que se abrigava á sombra d'elles, até hontem, quando a criança, que ali passava todas as tardes, concedeu ao noivo, durante uma pequena distração dos paes, o seu primeiro beijo.

Sobre a espessa camada de musgo que os reveste d'um opulento manto cresceram, alastraram, espreguicaram-se as heras; os fetos recortados espreitaram entre as folhas que o outomno começa a avermelhar, a doirar. Nos vallados florescem as congossas, as madresilvas, as roseiras bravas. Pelos altos troncos das tilias, dos carvalhos, dos ulmeiros, as parietarias cresceram, vegetações minusculas sobre vegetações gigantes.

Apenas as violetas começam a desabrochar na primeira manhã de sol, os ares perfumam-se. Uma embriaguez muito doce sobe mansamente em nós. Crescem azas brancas nas alturas, voadoras para paratizos desconhecidos nas ondulações suavissimas da musica dos perfumes. Larece que um halito de fada nos acalenta e nos faz sonhar. E desde que as violetas abrem até que as verbenas fecham, desde as manhãs ainda frias, primeiras nuncias d'uma primavera ainda longe, até ás noites placidas, tepidas, do ultimo luar de agosto, violetas, rosas, madresilvas, magnolias e verbenas espalham pela atmosphera os aromas das suas petalas, o pollen perfumado e fecundante.

Terra de flores, terra de amores.

Quando o sol nasce todos aquelles penedos se illuminam. Um diadema de luz corôa a rainha. Scintillam vermelhas e doiradas as torres da Pena, as rochas altivas da Peninha e do Castello dos Moiros, a capelinha de Santa Catharina alto-erguida entre as copas dos cedros e dos pinheiros mansos no pincaro de Penha Verde Borboletas pequeninas, brancas e azues, voadoras aos pares sobre os jardins floridos, e, nas sombras dos vallados, sobre as teias de aranha, gotas de orvalho scintillam, iriadas como diamantes.

As sombras da montanha alastram se enormes sobre os campos aridos. Um moinho solitario, ao longe, sobre um cabeço, faz girar á brisa da manhã as quatro velas muito brancas. Uma grande faxa azul, por detraz dos campos ondulados, vai-se esfumando, perdendo-se no céu, na linha inquietada, mal definida, da neblina tremula do horizonte.

O sol vai subindo, a sombra encurta-se, as andorinhas recolhem-se aos ninhos, os pardaes ás sombras dos arvoredos. Os sinos de S. Martinho tocam alegremente para um baptisado.

O calor cai intenso. Na serra entre os penedos esbraseados ouve-se o crepitar dos fructos da giesta, deixando cair a semente na terra, e grandes ramos de urze, branca uma, outra cor de rosa, matisam o chão coberto de vegetações opulentas. Um bafo quente de vida sai do chão gretado.

E que lindas tardes em Cintra! Parecem que sorriem á gente! Que tranquillidade na montanha que parece estar a scismar, que nos quer bem, que nos deu durante o calor as suas sombras, as suas aguas, os seus perfumes e agora nos faz scismar com ella, tranquillamente, em qualquer oisa estranha.

Todas aquellas estradas se enchem de gente. A alegria espalha-se por sob aquellas arvores enormes, nas alamedas dos jardins, no vasto campo de Setiaes, na estrada toda em curvas elegantes da Estephania, nos caminhos íngremes da serra. Crianças correm, mães sorriem, noivos estremecem, homens conversam, poetas sonham.

E o céu entorna sobre a serra uma paz immensa.

A noite em Cintra cai depressa. Os crepusculos são curtos. Assim que o sol desce, em todas as covas da serra se faz noite. Mas o céu ficou illuminado e a folhagem das arvores dos altos recorta-se em negro sobre as côres riquissimas do poente. Quando a lua é no crescente, espreita para a villa por entre os troncos dos pinheiros mansos da Quinta Velha. E, depois da grande paz sonhadora da tarde, o silencio da noite vem cabindo mansinho, mansinho, e as sombras vão subindo dos valles pela encosta, envolvendo a villa, as altas chaminés do palacio, os arvoredos das quintas, as rochas nuas do Castello, as torres da Pena. Sumiu-se o ultimo fio d'ouro na nuvem mais alta.

No silencio da noite ouve-se mais distinctamente o murmuro das aguas e o gemer dos pinheiros, a brisa carrega-se de mais perfumes, sobretudo nas noites quentes, quando as verbenas estão em flor. E lindo então ver do Penedo da Saudade nascer a lua por detraz da cruz rendilhada da Quinta do Saldanha. E o luar fica aos montes, aos arvoredos de Cintra como um véo branco de noiva a uns cabellos bastos a uma fronte sem rugas.

Terra de flores, terra de amores.

Vegetações murmurios, perfumes, arvoredos e flores, fontes e ribeiros, tudo fala aquella linguagem estranha que mais ninguem sabe falar, que todos percebem entretanto. Que diz essa linguagem aos corações? Terra de flores, terra de amores! Em nenhuma outra como ali se sente a vida.

Avistei Cintra ao longe uma d'estas tardes, d'um vapsorito, a caminho da Trafaria.

O sol ia a descer. Não havia uma onda no Tejo, tranquillo como um lago; no céu tranquillo não havia uma nuvem. Apenas do lado do poente uma faxa negra, baixa, ao lume d'agua, muito estreita.

Avistei a serra com os seus contornos elegantes, muito recortados. No ponto mais alto o zimbório da Pena. E como o sol ia a descer toda a serra parecia azul, aqui ou ali, tocada d'umas pinceladas cor de rosa. Bella como sempre, mais bella ainda talvez na quietação d'aquella tarde, cuja luz a banhava n'uma doçura infinita.

Dez minutos na Trafaria e voltei.

O sol acabava de mergulhar nas aguas. Havia umas nuvens agora. Uma muito longa, amarella, cor de oiro, debruada por um rubim enorme, uma ou duas mais altas, cor de amethista no céu esverdinhado.

Olhei para Cintra. O nevoeiro enovelára-se em volta da serra, um nevoeiro taciturno, cor de chumbo, que a abafava, que a enlutava. D'aquella nuvem pesada sahia a crista d'um pincaro, como da onda negra a mão d'um afogado implorando soccorro. O nevoeiro cresceu, enovelou-se mais. O pincaro sumiu-se na escuridão.

A noite desceu sobre o Tejo. As primeiras estrellas começaram brilhando. Eu vinha sentado á pôppa e fitava o olhar na longa faxa de espuma que o helice levantava. Lembrei-me então d'uma noite em Cintra em que eu ouvira um gemido, toda a noite continuo n'aquella serra. Era o bufo que faz sempre o ninho no boraco da rocha altissima da Quinta Velha coroado pelo Castello. Que adivinhava então já aquella ave d'agoiro?

Cintra, terra de flores, terra d'amores, terra da Morte!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

PRIMEIRO CENTENARIO DO NASCIMENTO DO MARQUEZ DE SA DA BANDEIRA

N'uma epoca em que rareiam os grandes caracteres, em que só nos vultos passados encontramos homens de ferrea e energica vontade, de recta justiça e de ensinadora conducta, tem toda a oportunidade recordar a vida gloriosa de qualquer d'esses varões de memoria heroica e impecavel.

Commemora no presente n.º O OCCIDENTE o centenario do general marquez de Sá da Bandeira. E' amanhã que se completam cem annos sobre o dia em que nasceu na cidade de Santarem o notavel varão cujo nome se cobriu de tanta gloria.

Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, primeiro visconde e primeiro marquez de Sá da Bandeira tem a biographia mais accidentada que se pode imaginar.

Nas grandes luctas que assoberbaram o nosso paiz até 1834 tem papel importante o marquez de Sá da Bandeira. Como estadista foi o representante constante da democracia liberal e como soldado foi o heroe das grandes e tristes pelejas. Ao seu caracter tecem se largos elogios pois que se reconhece ter sido valente como a sua espada, e honesto e pundonoroso.

Analysando-o mais detidamente, apreciando os seus momentosos e opportunos escriptos, é que se pode vér bem quanto se lhe deve. Occuparam-se sempre as questões mais elevadas de instrução publica, de colonisação, de organisação social.

Os altos cargos e as honrosas commissões de que por vezes em momentos bem ingratos o marquez de Sá da Bandeira se viu investido renderam-lhe o apreço e consideração que sempre lhe tributaram.

Era socio benemerito da real Academia das Sciencias, commandante da escola do exercito, par do reino, presidente do conselho ultramarino. No exercito chegara ao posto de general de divisão.

Algumas vezes ministro, n'uma d'essas magistraturas deixou gloriosamente assignalado o seu nome com a medida da extincção da escravatura n'um determinado prazo.

Datam de 1839 os mais instantes artigos que publicou defendendo essa sua tão querida questão. Apparecem n'essa epoca os seus *Documentos officiaes relativos á negociação do tratado entre Portugal e a Grã-Bretanha para a supressão do trafico da escravatura*, a esta publicação seguiu-se, em 1840, *O trafico da escravatura e o bill de lord Palmerston*.

Sob o ponto de vista de defensor da liberdade humana, natural e da sua patria, é que agora o consideramos. E' impossivel em poucas linhas poder esboçar, sequer, a vida do marquez de Sá da Bandeira. Fallar do illustre militar é escrever um volume de historia, tal é o pezo, a acção, a importancia que elle teve nos destinos da nação portugueza.

Por isso, hoje ao apresentarmos ao leitor o retrato do marquez de Sá da Bandeira, copia de um busto esculpido primorosamente, ha cerca de desasete annos pela ex.^{ma} duqueza de Palmella: O OCCIDENTE encara o valente general muito especialmente absteem a politica partidaria que tão tristes luctas offereceu ao paiz e solemnis o nascimento do protector dos escravos, do abolidor da servidão perpetua.

O MONUMENTO

Desde 1884 que Lisboa pagou a sua divida para com o bravo general Sá da Bandeira. Ergueu n'uma das suas praças, — a de D. Luiz, no aterro da Boa-Vista um elegante monumento cujo projecto se deve, bem como os baixos relevos, estatuas, etc., a um notavel escultor italiano, João Cimicelli, o qual infelizmente morreu antes de vér o seu trabalho acabado.

E' curiosa a erecção d'este monumento, que se fez por subscrição publica em Portugal e Brazil, accorrendo tambem alguns estrangeiros admiradores extremos do valente general.

N'um folheto, publicado por occasião da inauguração do monumento, que teve lugar em 31 de julho de 1884, acha-se lucidamente descripto tudo o que houve de importante n'este assumpto. E' redigido pelo sr. con-elheiro Henrique de Barros Gomes; a esse trabalho enviamos o leitor curioso.

Foi a 4 de abril de 1882 que se collocou a primeira pedra, fundamental, para o monumento.

A nossa gravura mostra bem o aspecto do monumento. Consta elle de tres partes: a base, o pedestal e a estatua ou grupo principal. A base é formada por tres degraus bastante largos. O pedestal compõe-se de um plinto geral, sobre o qual assentam estatuas ou grupos allegoricos, o corpo do pedestal é revestido nas duas faces lateraes de baixos-relevos reproduzindo factos da vida do Marquez: o serimento em Vielle, a mutilação do braço no Alto da Bandeira, a notavel batalha que lhe valeu o titulo, o desembarque em Villa do Conde, a retirada para a Galliza.

Corôa o monumento a estatua do marquez, em-

punhando a bandeira, symbolisadora da Liberdade, no qual tambem um genio levanta um facho que representa a luz que dimana da Liberdade.

Accusa-se esta parte principal do monumento de não ser fiel: a figura do marquez não era aquella, o uniforme não condiz com a epoca, o genio parece acanhado.

Mas, de tudo triumpham as outras partes do monumento de soberba inspiração: a estatua da Historia tem o porte sereno da imparcialidade; a mulher que aponta ao filho o apostolo da emancipação dos escravos, tem igualmente muito sentimento e propriedade. Os dois leões que ladeam o pedestal a occidente e oriente, um prostrado e o outro no acto de erguer-se não vencido, mostram rara execução. Os baixos-relevos em mármore de Carrara são tambem lindissimos.

A praça em que se ostenta a estatua é acanhada em relação ao monumento, impede-o de apresentar o magestoso aspecto que poderia ter.

Todavia, é uma bella obra de respeito, de homenagem e gratidão áquelle valoroso soldado, estadista honesto, extreme apostolo da extincção completa da escravatura.

Oxalá, os nossos vindouros, ainda tenham que perpetuar assim no bronze e no mármore, outros vultos heroicos que se tornem tão dignos d'essa consagração e immortalidade pelas suas obras, pelos seus feitos, pela sua vida, pelo seu nome que seja symbolo perfeito da grandeza dos sentimentos, da elevação de ideias, como o nobre marquez de Sá da Bandeira.

BOCAGE

(Concluido do n.º antecedente)

III

O decreto de 31 de janeiro de 1786, que nomeia o poeta guarda marinha da Armada do Estado da India, traz o nome Manoel Maria Barbosa Hedoís du Bocage; este nome de *Hedoís* apparece-nos em seu visavô materno Antoine l'Hedoís, e por elle podemos comprehender a referencia anagramatica pela qual a poesia philosophica da *Voz da Razão* pôde ser restituída a Bocage; essa poesia, que revolucionou as intelligencias portuguezas do fim do seculo xviii, termina com os versos: «E que Anelio não se esqueça — De um Lidio que vive ausente». O nome de *Lidio* tem all o valor de uma assignatura, e é empregado pela analogia com l'Hedoís, quando deixára de usar este cognome. Em 4 de fevereiro de 1786 o Conselho ultramarino pôz em execução o despacho, embarcando Bocage para a India na não de viagem Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena; em uma ode sentida despede-se Bocage dos seus amigos Vasconcellos (o morgado de Assentis) Couceiro, Liz e Andrade; a viagem da India acorda-lhe outra vez o ideal de Camões:

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gram Cantor, por quem de amores
Inda as musas suspiram;
Aquelles mares onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendissimo Gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

A não soffreu uma terrivel tempestade, tendo de arribar ao porto do Rio de Janeiro; Bocage celebrando o governador geral do Brazil Luiz de Vasconcellos Sousa, um dos primeiros promotores da civilisação brasileira, allude a este incidente:

Eu dos braços paternos arrancado
E pela furia dos soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos logares,
Onde talvez me apparelhe a sorte
Depois de infausta vida, infausta morte.

A não Senhora da Vida chegou a Goa em 29 de outubro de 1786; o poeta entrava no theatro do nosso antigo poder; tudo lhe fallava de grandes recordações historicas. A realidade não correspondia ao seu ideal; achou-se no meio de uma colonia atrazada, boçal e dissoluta «de todo o pobre honrado sepultura», como já o dissera Camões. No seculo xvi ahi encontrára Camões uma saudavel convivencia intellectual com o sabio Garcia d'Orta, com os poetas seus amigos João Lopes Leitão, Heitor da Silveira, Luiz Franco Correia, D. Antão de Noronha, Diogo do Couto; Bocage encontrou sómente a vaidade nobiliarchica dos homens da terra, a indifferença por tudo quanto eram lettras, e a dissolução dos costumes. Durante dois annos que viveu em Goa andou n'esse conflicto que lhe inspirou os acer-

bos Sonetos que lhe tornaram impossivel a existencia «Do claro Mandovi sobre a ribeira,» e nos quaes celebra. «A decadencia do imperio portuguez na Asia.» Foi durante esta epoca desolada por decepções, intrigas e indifferença, pelo aborrecimento nostalgico da vida de guarnição, que o accometteu uma doença que o levou a ponto de succumbir; foi isto por 1787, coincidindo com a descoberta da Conjuração de Goa, hoje completamente descripta em um livro por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, que desconheceu a epistola de Bocage, em que se relata este successo designado pelo nome de *Sublevação dos Pintos*:

Uma alma infame, um barbaro inimigo
Da fé, das leis, do throno, um deshumano,
Credor de eterno, de infernal castigo.
Tenho embebido seu furor insano
Na falsa gente brachmane injusta,
Que amaldiçoa o joio lusitano;
Contra nós apontava a mortal seta;
Mas estorvou o inevitavel tiro
A mão divina, poderosa e recta:
Desenvolveu-se o crime, inda respiro;
E já destes oh réos de atroz maldade,
Em vis theatros o final suspiro.
Eis, amigo, a recente novidade,
Que da remota Goa ao Tejo envio
Nas marchas, debeis azas da saudade...

Esta conjuração é cheia de peripecias e de atrocidades da parte do governo. Em 25 de fevereiro de 1789 é despachado Bocage tenente da quinta companhia de infantaria da guarnição de Damão, em attenção «aos seus serviços e merecimentos.» Em Goa tinha o poeta a convivencia do desembargador Sebastião José Ferreira Barroco, que o auxiliara na sua terrivel doença; tinha os *mil feitiços* das *filhas delicadas* dos habitantes contra quem lançara Sonetos tão terribes como Camões na satyra dos *Disparates da India*. Sahu Bocage de Goa em 8 de março, na fragata Santa Anna, entrando em serviço do seu posto a 6 de abril d'esse anno. A insipidez da vida da guarnição pôz-lhe o espirito em um estado de desespero tal, que ao fim de dois dias desertou da fortaleza pela porta do Campo, em companhia de um alferes cheio de dividas. Esta parte da vida de Bocage é completamente desconhecida; supõe-se que aproveitara as monções, partindo de Surrate ou Bombaim para a China; nos seus versos allude a uma vida errante, cheia de miseria, e arrojado por tempestades para o mar da China, vindo do Cantão para Macau, onde mendigou alguns socorros. Referindo-se á morte do principe D. José, a que atraz alludimos, exclama:

Triste povo! E mais misero, eu que habito
No remoto Cantão.....
Miserrimo de mim, que em terra albeia
Cá onde muge o mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte feia!

E comparando a sua vida errante com a malevolencia que encontrára em Goa, exclama com traços que elucidam a sua vida:

Mais duro fez all meu duro fado,
Da vil calumnia a lingua viperina,
Até que aos mares da longiqua China
Fui por bravos tuões arremessado.

Bocage chegou ao fim da sua prolongada miseria a Macau por fins de julho ou agosto de 1789, onde encontrou outra vez o seu amigo o desembargador Lázaro Ferreira da Silva, que o protegeu, sendo então governador interido de Macau. Bocage alli pôde comprehender a tradição de Camões, cotejar com a sorte de Camões o seu destino, semelhante agora ao do Cantor dos *Lusíadas* quando em Mocimboa, se achou em pura pobreza e tanto que comia de amigos. Foi por auxilio de alguns amigos, que Bocage pôde regressar a Lisboa, onde chegou por agosto de 1790, trazendo apenas como fructo das suas viagens mais originalidade de caracter, emfim uma liberdade de criterio que tinha de completar lhe a desgraça.

IV

Durante a ausencia de Bocage tinham-se passado extraordinarios successos na Europa; o mundo moral assentara em novos eixos. Em 17 de junho de 1789 tinha-se constituído a Assembléa Nacional; em 14 de julho a tomada da Bastilha symbolisava a queda do despotismo; em 4 de agosto decretara-se a abolição dos privilegios, e iniciava-se perante a lei a egualdade civil e politica. Essa aurora dos tempos modernos era a Revolução franceza. Em 1790 decretá a Assembléa Nacional em 21 de março a suppressão das gabelas; a 5 de abril institue o Jury; e em 13 de maio decreta a allienação dos bens nacionaes, por onde a França inteira coopera na dissolução do

regimen catholico-feudal. Mas a Revolução franceza repercutia em todos os paizes da Europa, assim como as ideias dos Encyclopedistas encontravam sectarios nos thronos dos despotas como Catharina da Russia, Frederico II ou José II. Contra esta corrente européa, o cesarismo bragantino mandou copiar o systema de policia franceza, creando-se a *Intendencia geral da Policia da Côrte e Reino* por Alvará de 25 de junho de 1760. Como as ideias modernas entravam em Portugal por meio da aliciação maçonica, a Intendencia de Policia exerceu a sua actividade perseguindo e expulsando do nosso territorio os *Freemasons*; d'este tempo nos ficou esse habito de chamar aos liberaes da revolução de 1820 e de 1831 pedreiros livres, e era sob este titulo que os caceteiros de D. Miguel perseguiram os partidarios de uma Constituição. Em 1764 foi nomeado para intendente geral da policia o desembargador Diogo Ignacio de Pina Manique, que exerceu este cargo com a mais terrivel prepotencia até ao anno de 1805. Manique era de uma actividade satanica: desembargador do paço, administrador da Casa do Infantado, das Alfandegas, das estradas, da censura, tinha um poder discrecional, chegando por vezes a invadir a jurisdicção dos ministros como se estivesse em um paiz posto por elle em estado de sitio; quando queriam alludir ao facto de se servir dos dinheiros publicos nos trabalhos de uma apertada espionagem a que submetteu Portugal, Manique mostrava-se fortalecido com umas instrucções secretas dadas por Alvará de 15 de janeiro de 1780, pelas quaes estava isemto de responsabilidade. Era a carta branca para toda a casta de prepotencia; Manique tirou todo o partido da sua situação excepcional, apertando os arbitrios preventivos depois que se deram os factos capitães da Revolução franceza, e que alguns emigrados e tripulação de navios francezes cantavam pelas ruas de Lisboa o *Cá ira*. Foi n'este novo meio que Bocage se achou repentinamente envolvido; os successos da Revolução impressionaram-n'o, e elle celebrou a em alguns versos. Não era preciso mais para o Intendente Manique se apoderar da sua pessoa, escondel-o em uma enxovia, e eliminá-lo; em bem pouco tempo Bocage sentiu-se perseguido pela policia, e comprehendendo a situação tentou fugir de Portugal. Era impossivel escapar á rede da espionagem de Manique.

Cortada toda a communicação intellectual com a Europa, e sendo perigoso ter ideias, alguns vesejadores trataram de reproduzir a antiga Arcadia de Lisboa na Academia de Bellas Lettras, fundada pelo mulato padre Caldas no palacio do Conde de Pombeiro. Depois da chegada de Bocage a Lisboa, o poeta vivia na intimidade de um frade devasso, expulso da ordem agostiniana e accusado de ter roubado a livraria do convento, o padre José Agostinho de Macedo; os dois entram para a Academia de Bellas Lettras, mais conhecida pelo titulo de Nova Arcadia, onde era assumpto forçado uma ode á Conceição de Maria. O Caldas prezidia ás sessões litterarias, e á maneira italiana brindava os arcades com chá e doces, especie de beberete que se ficou chamando «as quartas feiras de Lerenó.» Bocage não pôde supportar tanta chateza, e em alguns sonetos satyricos motejou das sessões da Nova Arcadia, da figura do velho Amarel Franca, que pertencera á antiga Arcadia, dos versos chatos do abbade de Almôster e dos dithyrambos de Curvo Semedo. As replicas foram violentas, e depois de o terem ferido pelo lado fraco, o abuso das tautologias ou *elmanismos*, do nome arcadico que adoptara, *Elmano Sadino*, e a decadencia da sua inspiração depois da volta do Oriente, levavam ao Intendente Manique os versos em que Bocage deixara transpirar as *ideias francezas*.

Em 1793 rompeu com Neo-Arcedes; as suas academias eram os botequins de Lisboa, então o centro das conversas politicas que o Manique espiava, e contra as quaes propoz que se abrissem os theatros e se jogasse a *tambola*, para evitar que os cidadãos fallssem das cousas perigosas do governo. Era n'esses centros de convivencia que Bocage lançava os seus improvisos arrebatados, segundo os impetos da emancipação religiosa e politica; estão n'este caso os sonetos *Contra o Despotismo*, *Aspirações do Liberalismo*, *excitadas pela Revolução franceza e consolidação da Republica em 1797*, e a bella epistola das *Verdades duras*, que começa «Pavorosa illusão da eternidade.» Manique andava accirrado pelas cantigas francezas, pelo uso dos côcares, pela entrada dos caixões de livros para a Academia das Sciencias; trazia de olho o duque de Lafões, apesar do seu parentesco real, accusava de jacobino o abbade Corrêa da Serra, desconfiava das relações pessoais do padre Theodoro de Almeida, e julgava evidente o

I.º CENTENARIO DO NASCIMENTO DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

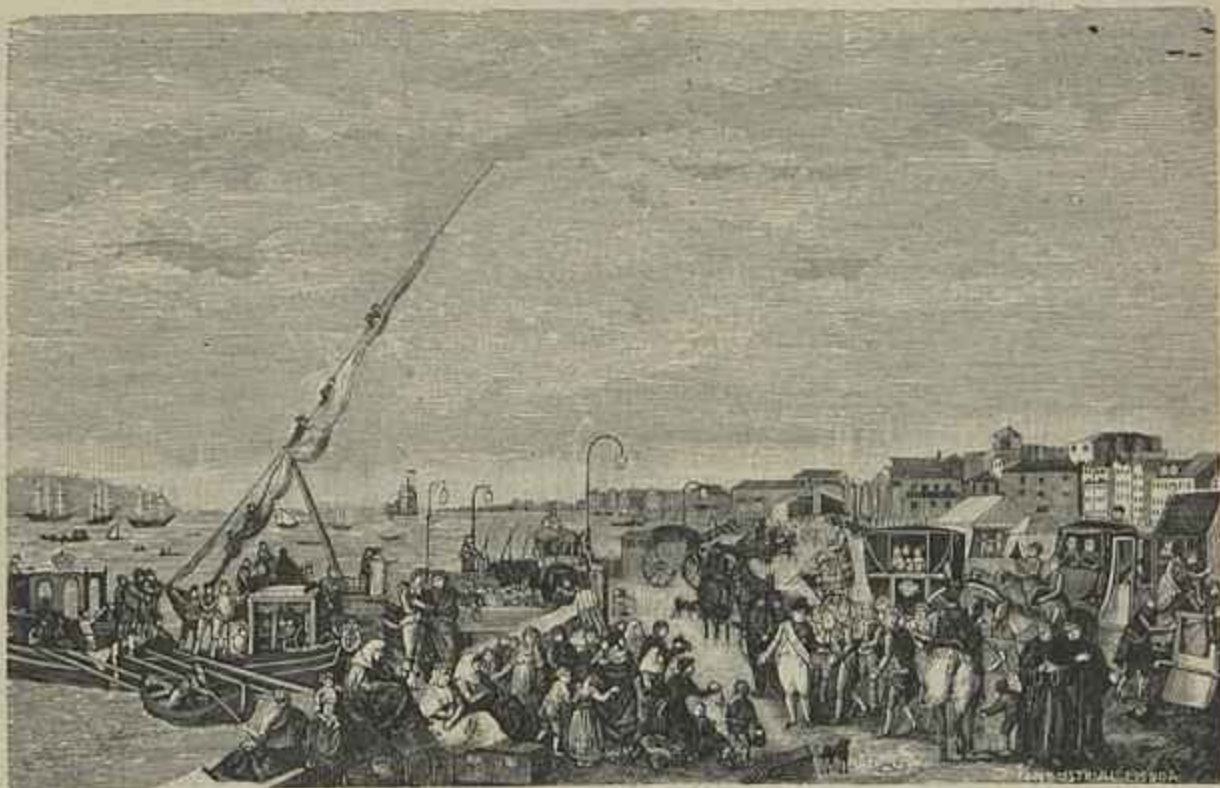


MONUMENTO AO MARQUEZ DE SA DA BANDEIRA. — NA PRAÇA DE D. LUIZ, EM LISBOA

Cópia d'uma photographia)

liberalismo de Ferreira Gordo, e até do revisor da *Gazeta de Lisboa*, onde encontrava um certo relevo na descrição dos triumphos do exercito da Republica. Os Neo-Arcades aproveitaram-se do braço de Manique, entregando-lhe «papeis impios, sediciosos e criticos;» quando o Intendente procurou Bocage para o prender, os seus espias descobriram-n'o a bordo da corveta *Ariso*, do comboio que partia para a Bahia. Por ventura o poeta tentava refugiar-se junto do intelligente governador geral Vasconcellos e Sousa.

No Officio do Intendente ao Juiz do Crime do Bairro Andaluz em 10 de agosto de 1797, no qual declara que Bocage já está preso, manda fazer-lhe «apprehensão em todos os seus papeis, assim manuscriptos como impressos, e ainda n'aquelles que estiveram em poder de terceiros seus sequazes, que devem ser igualmente presos, e averigunda a sua vida e costumes, para vêr se imitam por elles o referido Manoel Maria Barbosa du Bocage, etc.» Bo-



FUGA DA FAMILIA REAL PARA O BRAZIL — EMBARQUE NO CAES DE BELEM EM 27 DE NOVEMBRO DE 1807



GENERAL JUNOT

quez de Pombal, ao Marquez de Abrantes, ao Conde de S. Lourenço. Era tudo baldado, o Intendente não largava a presa; foi preciso uma subtileza, fazendo consistir o crime dos versos politicos em peccado de philosophismo, sendo por isso entregue ao tribunal da Inquisição em 7 de novembro de 1797. Tal era o estado de Portugal; a Inquisição estava mais benigna que o Cesarismo, e exerceu sobre Bocage uma acção protectora mandando o doutrinar no mosteiro de S. Bento a 17 de fevereiro de 1798. O Intendente não quiz abandonar a preza, e a 22 de março mandou-o transferir para o Mosteiro das Necessidades, dando-lhe uma esmola de roupa em nome do Principe regente, e recomendando-lhe que empregasse os seus talentos para lustre da patria e dos seus amigos; Bo-

cage, que até aos mais humildes dos seus amigos se mostrou sempre agradecido, nunca fallou n'essa esmola do Intendente, que elle não podia rejeitar. Em 1801 voltou à sociedade civil, rompendo a celebre polemica com o Padre José Agostinho de Macedo, e da qual resta a eloquente satyra da *Penha de Talião*; durante este tempo viveu do trabalho de traduzir poemas didacticos francezes. Em 23 de novembro de 1804 é outra vez accusado ao Santo Officio por pedreiro livre, por uma mulher fanatisada Maria Theodora Severiana Lobo; instaurou-se o processo secreto, que não proseguiu. No meio de tantas emoções, nos conflictos litterarios, entre privações do carcere e na incerteza da sua vida, declarou-se-lhe uma aneurisma nas carotidas, de que succumbiu em 21 de dezembro

cage morava então com o cadete do primeiro regimento da Armada André da Ponte do Quental e Camara, que foi tambem remetido para o Limoeiro, e apprehendidos «livros impios e sediciosos,» que eram os de Rousseau, Helvetius, Diderot e mais alguns encyclopedistas. Entre os papeis de Bocage achou-se o que se intitulava *Verdades duras*, e que é hoje conhecido pelo titulo vulgar da *Pavorosa*. Os dous poetas foram mettidos no segredo, e Bocage louva a coragem de André da Ponte por não ter renegado a sua amizade quando foi ao interrogatorio do juiz e exalta a dedicação de Antonio José Alvares, que lhe acadiu com o preciso enquanto esteve na masmorra. Bocage bem sabia de quanto era capaz o Manique, e o menos que o esperava era o degredo das Pedras Negras, então reservado aos que seguiam as *ideias francezas*; o desalento assalta-o por um instante, mas emprega os seus versos para pedir aos potentados que lhe acudam; assim escreve as bellas quintilhas a D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho, mulher do ministro José de Seabra da Silva, ao Marquez de Ponte do Lima, ao filho do Mar-



RETIRADA DOS FRANCEZES DE LISBOA — EMBARQUE DO GENERAL JUNOT E SUA COMITIVA, NO CAES DO SODRÉ, EM 15 DE SETEMBRO DE 1808

ESPECIMEM DAS GRAVURAS DO LIVRO «NO TEMPO DOS FRANCEZES.»

de 1805. Neste mesmo anno acabára tambem a actividade do Intendente Manique, como se tivesse cumprido o detestavel destino de atrophiar aquella alta expressão do genio portuguez. Durante a sua doença Bocage era visitado por todos os poetas seus contemporaneos, e á falta de recursos o antigo dono do Botequim das Parras imprimira os *Improvisos na sua mui perigosa doença*, vendia-os pelos seus conhecidos, e trazia-lhe o dinheiro; Bocage pagou a esta sympathica natureza, em um Soneto onde se diz que «paga em verso o que devia em ouro.» Em volta de Bocage se agruparam novos espiritos, Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, João Vicente Pimentel Maldonado, os primeiros martyres da liberdade portugueza assassinados por traição do absolutismo em 1823. O juizo sobre Bocage resume-se em poucas palavras; conhecidas as coincidencias pasmosas entre varias circumstancias materiaes da sua vida e da de Camões, podemos concluir, que em um seculo de decadencia como o xviii Camões não teria sido mais do que Bocage; e por isso que na historia da civilisação portugueza o seu nome resoa como um protesto.

Theophilo Braga.

«NO TEMPO DOS FRANCEZES»

E' este o titulo de um bello livro que o sr. Francisco da Fonseca Benevides, director e lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, lente da Escola Naval e auctor de um bom numero de livros de sciencia e de historia, acaba de publicar, com grande proveito para as letras portuguezas e muito especialmente para o estudo e conhecimento da historia do nosso paiz.

Em Portugal, quer seja entre as classes mais elevadas quer entre o povo, é o que, em geral menos se conhece é a historia patria, pela razão de, além da pouca tendencia que ha entre nós para leituras, a falta de livros de facil leitura e modico preço, que falam ao povo das coisas de Portugal, o que não impede que a imprensa barata encha columnas de folhetins com mascavadas traducções de dissolventes ou estapafurdios romances francezes.

Só sabemos de uma tentativa de historia popular, publicada em um pequeno volume, sob o titulo de *Historia Alegre*, escripta por Pinheiro Chagas e editada por David Corazzi, bastante resumida, mas cuja linguagem ao alcance de todos e a modicidade do seu preço, a tornou accessivel a todas as intelligencias e a todas as bolsas.

De resto em Portugal só se escreve para sabios e para ricos. Grossos volumes que assustam os mais corajosos em leituras e que põem em debandada o geral dos leitores incapazes de digerirem paginas massodas de documentos e commentarios fatigantes.

E' por isto que lêmos com prazer e proveito o livro do sr. Benevides *No Tempo dos Francezes*, narrativa despretençiosa, feita com muitas notas e noticias da época que o auctor reuniu em um volume de 331 pag. in 8º illustrado com oito gravuras extremamente curiosas.

O livro *No Tempo dos Francezes* abrange desde a fuga da familia real e entrada dos francezes em Portugal, em 1807, até á retirada d'estes; em 1808, e fim que teve o duque de Abrantes, general Junot, commandante em chefe do exercito invasor.

Para amenisar mais a narrativa dos factos historicos, aliáz feito de modo que não enfaça, atravessa o livro, apparecendo aqui e acolá, os amores de um official francez, Raul de Remigny com Soror Maria da Misericordia, uma formosa freira do convento da Esperança, em Lisboa.

E' singela a descripção que o auctor faz da fuga da familia real portugueza para o Brazil, pois se resume nas seguintes linhas:

«São assás conhecidas as circumstancias em que o exercito francez invadiu Portugal em 1807, e, como diante de um pequeno exercito composto de tropas francezas, esfaimadas, rôtas, esfaçadas e dispersas, fugiu para o Brazil, embarcando no caes de Belem, no dia 27 de novembro d'aquelle anno, o principe regente D. João, que foi depois o rei D. João VI, com sua mãe a louca rainha D. Maria I, sua esposa a princeza, depois rainha e imperatriz D. Carlota Joaquina de Bourbon, e seus filhos os principes D. Pedro e D. Miguel, que foram depois os reis D. Pedro IV e D. Miguel I de Portugal, e suas filhas as infantas D. Maria Thereza, D. Maria Francisca, D. Isabel Maria, que foi depois regente d'estes reinos, D. Maria de Assumpção e D. Anna de Jesus Maria, e as infantas D. Maria Anna e D. Maria Benedita,

filhas do rei D. José I e irmãs da rainha D. Maria I.

Além da familia real foram muitos nobres, fidalgos e funcionarios, com as riquezas e valores que puderam transportar para bordo, no pequeno intervalo de tempo que decorreu entre a resolução da partida e o embarque.

Os fugitivos embarcaram em uma esquadra, commandada pelo vice-almirante Manuel da Cunha Souto Maior, composta de oito naus: *Principe Real, Rainha de Portugal, Medusa, Conde D. Henrique, Infante D. Henrique, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro, Principe do Brazil*; cinco fragatas: *Golphinho, Minerva, Senhora da Graça, Princeza Carlota, Ulysses*; duas corvetas: *Andorinha, Urania*; trez brigues: *Lebre, Vingança, Voador*; duas escunas: *Curiosa, Esperança*. Pôde-se dizer que foi esta a ultima esquadra portugueza. Quasi todos os navios de que se compunha foram apodrecer nas aguas do Novo Mundo. Depois d'este triste acontecimento, nunca mais a marinha portugueza ponde reunir tão grande numero de vasos de guerra.

Apesar do embarque se ter verificado no dia 27 de novembro, comtudo o mau tempo que fazia, com vento sudoeste, não permittiu que a esquadra saísse a barra n'aquelle dia, nem no seguinte. Foi no dia 29, que tendo, o vento rondado para o noroeste, a esquadra se fez de vela, e partiu para as terras de Santa Cruz. No dia seguinte, 30 de novembro de 1807, entraram os francezes em Lisboa.»

Descrevendo Junot, cujo fim foi tão desastrado, que se suicidou precipitando-se da janella da casa de seu pae, em Monthard, para onde Napoleão o mandou, quasi desterrado, resume nas seguintes palavras o perfil d'este general:

«Andoche Junot era n'esta epocha, um home de 37 annos, pois tinha nascido em 23 de outubro de 1771, em *Bussy le Grand*, departamento de *la Côte d'Or*. Militar valente, tinha brilhado, pela bravura com que se batera, no cerco de Toulon, em que ainda era simples sargento, e, já como official, nas campanhas de Italia e do Egypto.

Não tinha, porém, Junot, talento algum, nem capacidade especial, nem instrucção militar, como precisava ter o chefe de um exercito invasor. Apesar de já ter estado, como improvisado diplomata, representando a França imperial, junto ao principe regente, em Portugal, de 1804 a 1805, comtudo eram mui escassos os conhecimentos que possuía sobre a geographia e estado politico d'este paiz.»

São innumeradas as noticias sobre a occupação do exercito francez, dos amores de Junot e das contribuições por este lançadas sobre os portuguezes a ponto de merecerem censura do grande Napoleão; curiosissimos os promenores sobre a associação que se organisou em Lisboa para conspirar contra os invasores, associação que de resto era extremamente conservadora, e não menos curiosa a descripção do estado deploravel em que o exercito francez invadiu Portugal, dando por fim noticia das batalhas da Roliça e Vimieiro, em que as forças francezas foram derrotadas pelo exercito anglo-luso, o que determinou a convenção de Cintra, de 30 de agosto de 1808, pela qual os francezes tiveram que evacuar Portugal.

O sr. Benevides descreve assim o embarque dos francezes:

«No dia 15 embarcou Junot no Caes do Sodré, com a sua comitiva, senhoras, empregados, etc., e com parte das suas tropas, no meio de grande concurso de povo, que estava gosando aquelle espectáculo, que lhe annunciava o vêr-se livre dos invasores.

O duque de Abrantes embarcou na fragata ingleza *The Nymph*, commandante *Pery*, que o conduziu ao porto de *La Rochelle*, onde desembarcou. Ahi lhe veiu ao encontro sua esposa a duqueza de Abrantes. Parte do exercito francez, que retirou de Portugal, desembarcou na *Rochelle*, o resto foi desembarcar em *Quiberon*.

Logo que os francezes abandonaram as fortalezas do Tejo, ás tropas britannicas, foi ali arvorada a bandeira ingleza. O mesmo succedeu no castello de S. Jorge. Só depois foi substituida pela bandeira portugueza, nas fortalezas, arsenaes e navios de guerra.»

E sem darmos por isso chegámos ao fim do livro, sabendo bastante de uma das epochas mais calamitosas do nosso paiz, de que mal nos distanceta ainda um seculo.

Só nos resta agradecer ao auctor a amabilidade da sua offerta.

C. A.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 602)

Foi no reinado de D. Manuel que se empreendeu a reforma dos foraes, consoante as necessidades da epocha, sendo encarregados d'essa missão o desembargador João Façanha, o chanceler-mór Ruy Boto e o cavalleiro da casa real Fernam de Pina, redigindo este ultimo os novos foraes e para bem cumprir a sua missão visitou todas as provincias do reino, exceptuando o Algarve, pelos annos de 1513 a 1517. O anno de 1514, em que se reformou o foral de Setubal, foi aquelle em que se reformou maior numero d'elles, uns 237.

Como todos os que temos visto, este foral, começa assim:

«D. Manuel por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, de aquém e d'além-mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação e commercio da conquista, navegação e commercio da Etiopia, Arabia Persia e da India.»

Foral de Palmella. — E' em formato oitavo grande; as illuminuras são grosseiras mas curiosas: as armas tem nove castellos, as eclyticas das espheras estão inversamente collocadas ás outras que temos visto. Na eclytica lê-se a data de 1500. Ha na tarja inferior uma coruja branca, e cravinas da mesma cor. O distico *Dom Manuel* está escripto a prata.

Foi assignado no 1 de junho de 1512. Tem 36 folios, ostenta todas as ferragens como as do anterior mas em ponto mais pequeno.

Comquanto em 1855 o archivo de Palmella se reunisse ao de Setubal e no preambulo d'este foral se alluda ao de D. Affonso Henriques, dado em 1185 á povoação de Palmella, todavia não se encontra outro foral alem d'este, tanto mais que em 1323 consta que D. Diniz elevara Palmella á categoria de villa e lhe dera tambem foral.

Compromisso dos navegantes e pescadores da villa de Setubal; unidos na Capella do Corpo Santo da mesma villa. Anno de 1737.

E' manuscrito em papel almasso de formato grande, tendo 27 folhas numeradas e trez em branco.

A letra, de phantasia, é traçada com apreciavel firmeza. O frontispicio apresenta bom gosto na sua composição e um colorido agradável, predominando o azul e o cor de rosa. O dourado tem extrema finura.

A composição do frontispicio tem quatro figuras, a primeira representa a Justiça e a segunda uma penitente; superiormente estão outras duas — a Fé e a protectora dos navegantes — a Esperança; no alto a Fama toca a trombeta e agita uma palma o que julgamos alludir á fama gloriosa da corporação que mandou fazer o livro. Estas cinco figuras sustentem uma oval tarjada de dourados na qual se lê o titulo acima transcripto.

Uma outra oval, mais pequena, dourada e roxa tem cinco velas acesas.

Esta illuminura apresenta um curiosidade é o emprego da prata; metal pouco querido dos illuminadores pela sua facil oxidação.

Segue-se uma estampa de pagina inteira, representando S. Pedro, emoldurada em flores e columnatas, notando-se-lhe uma certa perfeição em o rosto e nas vestes da imagem.

As iniciaes dos capitulos constituem delicadas vinhetas de cores variegadas rescentes de phantasia.

Todavia, em nota geral, o manuscrito é grosseiro na sua illuminura, tanto mais sendo obra já do seculo xviii.

Guarda-se na bibliotheca municipal da cidade de Setubal.

XVIII

Os «COMPROMISSOS»

Todas as irmandades religiosas tem o seu *Compromisso*, isto é, o livro em que estão exaradas as obrigações dos diversos cargos, etc., etc.

N'este capitulo reunimos algumas noticias acerca d'esse genero de manuscritos.

Alguns são verdadeiras obras primas na sua illuminura e escripta, todavia abundam os que se mostram pobremente illuminados.

Distinguimos os seguintes:

Compromisso da Irmandade do Benavêtrado São Roque em a Igreja da Companhia de Iesu ordenado pelos Irmãos d'esta antiga confraria: em Lisboa o anno de MDCV.

Titulo inscripto n'um coval, a ouro sobre vermelho, coroado por uma larga vieira. Dois anjos superiormente suspendem festões de fructos que dois outros inferiormente tambem seguram.

No folio 3, ha uma estampa a toda a pagina,

onde se vê S. Roque; no ângulo esquerdo superior apparece o anjo entregando-lhe a palma do martyrio. A figura do santo é boa, trabalho delicado, anatomia talvez exagerada, perspectiva aerea um pouco descuidada, mas no todo muito agradável.

A factura é fina, influencia italiana. Estas illuminuras foram feitas 23 annos antes de se acabar o compromisso.

O compromisso é precedido por quatro trechos dos evangelistas e no começo de cada um, ha deliciosos quadrinhos representando: S. João, S. Lucas, S. Matheus e S. Marcos.

O texto do compromisso tem as suas lettras iniciais ornamentadas delicadamente, coloridas com vigor característico.

A encadernação em vermelho profusa de ornamentos incisos em ouro, no centro um grande emblema, com o calix, a hostia, a thiaro, a cruz pontifical e o baculo.

Livro dos assentos. — Noticiemos agora este outro manuscrito illuminado, bastante heceteoreneo, e que se guarda junto do antecedente.

Feito por collaboração accidental e de diversas epochas, apresenta varios folios de papel outros de pergaminho, differentemente illuminados.

N'esse livro dos assentos de S. Roque, o qual tem o frontispicio impresso, guardam-se os termos de assento de irmão n'esta confraria de todos os principes e princezas desde D. João V.

Os reis eram juizes natos. Ainda hoje recebe, do paço, a irmandade uma pequena esmola.

Alguns dos termos são escriptos sobre magnifico pergaminho com bella letra, ora simples cursiva ora floreada.

O mais notavel d'esses termos pela sua illuminura é o de el-rei D. Miguel I, escripto em papel de linho com letra semelhante d'imprensa. No alto da pagina ha uma bambolina de velludo vermelho, arregaçada nas pontas, com as armas reaes e mais abaixo dois anjos, um com a corôa do triumpho e outro com a trombeta da fama.

O authographo está datado de 7 de agosto de 1828.

Em volta de toda a pagina ha uma tarja feita de pequeninas flôres.

Notamos, e aqui o consignamos como nota aguda á nossa historia, que, esta folha, esteve já collada e de tal forma que a graciosa tarja de florinhas se damnificou bastante.

Era visível o intento que animou o liberal vandalo que se não poupou em fazer desaparecer o authographo do rei legitimo, pegando a folha, atando-lhe fitas abundantemente lacradas, não para o subtrahir ao estrago do tempo, mas decerto para hajular os reis successivos que alli tambem assignaram.

Hoje, alguém, mais razoavel, despegou cuidadosamente as folhas, cortou-lhe os liames tecidos, partiu o lacre dos sinetes e escancarou aquellas paginas, que apesar da sua relativa singeleza, da sua inoffensiva escripta, poderam despertar até ao ridiculo o mais profundo sentimento das paixões politicas, levando a algemar fortemente as folhas de um simples pergaminho illuminado.

* * *

O nosso amigo sr. Caetano Alberto da Silva, director-proprietario d'esta revista possui uma formosa miniatura em pergaminho a qual parece haver pertencido ao frontispicio do manuscrito: **Compromisso da irmandade do milagroso padre santo Antonio sita no convento de San Francisco desta cidade de Lisboa anno DNJ 1646.**

Representa uma couraça ornamentada aos lados da qual dois meninos abraçados apontam para os dizeres acima transcriptos. Corôa essa couraça um brazão com cruz vermelha floreada, pinhoada de ouro em campo negro. E' de finissimo desenho e colorido.

(Continúa)

Esteves Pereira.

SÉ DE LISBOA

(Continuado do numero anterior)

— Foi aqui, que ha seis dias se annunciou uma estatua de um cardeal com um menino ao collo?

— Foi aqui.

— Posso vê-la?

— Pois não! ali está.

O recém-chegado dirigiu-se para o canto que lhe indicavam, tirou a luneta, examinou a estatua, e viu, sem minima duvida, o padroeiro de Lisboa.

— Sabe se-lhe o auctor? — perguntou com muita frieza o viajante.

— Eu não sei — respondeu o dono da casa. Ha na base uma inscripção que talvez o diga; mas é lingua que não percebo.

O seu interlocutor procurou a inscripção, e leu baixinho, em optimo portuguez o seguinte:

ESTA ESTATUA DE SANGTO ANTONIO
FOI MANDADA FAZER POR W. BECKFORD
PROPIETARIO DA QUINTA DE MONSER-
RATE EM CONTRA, E EXECUTADA
EM ROMA, POR BALDINI
EM 1763.

(Continúa).

Julio de Castilho.

«VALLE DAS FURNAS»

MINIATURAS EM VERSO POR MENDO BEM

Na pleiade de açorianos que se tem posto em evidencia, pelo amor ao seu archipelago, pelo desejo do engrandecimento do seu torrão natal, pelo acrizolado empenho com que procuram evidenciar-se no desenvolvimento das industrias na cultura das sciencias e das lettras, vem tomar o lugar distincto, que por direito lhe pertence, um tão persistente como modesto trabalhador, já vantajosamente revelado na burocracia, pelo modo superior, com que, tanto no continente, como nas ilhas, tem desempenhado importantes commissões de fazenda, o nosso amigo Francisco Moniz de Bettencourt.

Poeta de uma sensibilidade exquisita, de uma observação fina e delicada, nervozos, concizo e fluente, as suas qualidades de artista são affirmadas pelos seus versos, até agora circumscriptos ao conhecimento de um estreitissimo circulo de amigos que se deliciavam n'aquellas doces confidencias de uma alma ingenuamente sã, que, habituada a embalar-se nas auras puras do oceano, que de toda a parte a bafejam, a absorver a largos haustos as tonificantes fragancias dos jarúns insulanos, a resvalar misteriosa e indolente sobre os raios de uma lua esplendida, que á noite saltitam nas esplendidas laminas de uma esteira infinita, pondo uma nota de vida nas somnolencias do mar; difficil era tira-la d'aquelle circulo de modestia, para que a sua natureza a creou.

Mendo Bem (o pseudonymo litterario do meu amigo) não nasceu um atleta, um reformador, nem um fanatico de escola: obdecendo á fatalidade do atavismo nasceu artista, como artistas já tinham sido seu pae e seu avô.

Poeta subjectivo traduz candida e nitidamente as canções que a sua fina sensibilidade lhe entoa d'entro d'alma. Vê, observa, comprehende, sente, e a concepção litteraria está completa, a execução da forma está feita: a espontaneidade é a sua característica.

Este seu primeiro livro, que as instigações da amizade conseguiram que elle desse á estampa; e tenho lhe tanta amizade, sinto por elle tamanha devoção, que talvez exceda a do proprio auctor; por que os cantos que o compõem quasi foram nascidos entre umas alegres palestras, com que na mais intima convivencia nos amenisou, e tornou inolvidaveis os poucos dias de setembro de 1894 que passámos juntos no paraizo terreal de S. Miguel.

Mendo Bem não é um novo: as neves da experiencia já lhe prateam á vontade os cabellos da cabeça. Não é um patriarcha porque Deus lhe não abençoou a união conjugal com uma amos-trá de prole; no entanto possui um thesouro de affectos, de que dispõe tanto á farta, que esposa irmãos e sobrinhos que o adoram não bastam ao seu emprego; que sempre lhe restam bastantes para acconchegar em familia aquelles que se lhe acercam.

O Valle das Furnas é um livrinho de 108 paginas que abre por uma singela dedicatória ao irmão ausente. Aroma de uma flor delicada que não estontea pela intensidade nem pela duração. É como elle proprio diz:

... a casta flor
da estação bendicta,
que á humanidade afflicta
dá força e dá vigor.

Depois, Mendo Bem percorre o valle passo a passo: sobe aos picos mais elevados com que trepam até ás nuvens as pujantes escarpas, que lhe servem de moldura: contempla os formosissimos saltos d'agua que espumantes se precipitam da alto das cumiadas em murmuradas cascastas; estazia-se

na contemplação das luxuriantes florestas que dissimulam as escabrosidades da montanha; senta-se trovador medieval á beira do lago de sereno azul, e ali, de olhos postos no monumento, que a alma de um crente e o coração de um poeta ergueu á mais inolvidavel das saudades; e desfiere as harmonias suaves do seu inspirado bandolim; namora-se dos rios que se abraçam sob doces de verdura e de flores, absorve-se na contemplação dos ultimos arrancos das crateras agonizantes cujo estertor promete durar seculos: escuta-lhes o rufar de subterraneos tambores, como que chamando os cyclopes a combater o olympo; embrenha-se na vegetação opulenta de parques e jardins; photographa os typos, descreve as festas, as alegrias e os convívios da amizade, e não tem o valle uma bagagem, que nas cordas d'aquelle harpa colia não ponha uma fugaz harmonia.

Tudo isto nos dá este livro delicioso: e com elle acontece como com a boa musica; quanto mais se lê mais se comprehende mais nos sensibilisa e commove. Escripção sem a preocupação de publicidade, e sem pertencções a reclame não é tão suggestivo que venha a obrigar os continentes que o leem a deslocar-se do seu meio pacato para emprenderem uma viagem á ilha de S. Miguel; no entanto as belezas que o livro encerra não podem ser bem comprehendidas senão por quem tenha a fortuna de conhecer aquella deliciosa estancia; ou melhor ainda, por quem o ler nos proprios logares em que foi escripto.

É elle uma tenue renda bordada de finissimos labores, de que somente se goza toda a belleza quando exposta a uma luz appropriada.

Entremos no valle pelo lado do sul. Para não perder nenhuma das impressões da natureza que nos cerca caminhemos a pé ao longo da lagoa; demos a volta da estrada, e começa o espirito a concentrar-se na contemplação da severidade da paisagem; eminencias que tohem o voo ás nuvens, vales profundos que parecem os esconderijos da noite, as escarpas atufadas d'aquelles fetos largos e arqueados, que brilham ao sol como espelhos e cortam como aço; e quando o coração está mais opprimido somos chegados ao sitio das Banquetas. Com razão diz o poeta:

Para aqui,
lança os olhos em redor
que maravilhoso este valle

e vê como elle

.... desliza, e corre
como um doido por hi fóra.

Quem no sitio das Banquetas ler a composição d'este titulo há de sentir quanto hade emocionante na paisagem e quanta alma na composição do poeta.

Mendo Bem não faz reclame ao seu valle, não lhe desvenda as bellas com uma sensibilidade brutal, faz d'elle a estatua de Psyché coberta de um veu, ainda que tenue, impenetravel; revela-lhe a delicadeza dos contornos, e incita os desejos de o erguer para se adorar, na plenitude da luz, toda a opulencia das formas toda a suavidade dos mais delicados contornos a intima castidade de seus mais recatados pudores.

Damos a boa vinda ao livro, a feliz nova aos amadores das boas lettras; e ficamos aguardando os demais de que este primeiro é o precursor.

Silva Mattos.

O ULTIMO PADRÃO DE DIOGO CÃO

Não é somente um d'estes intimos e singulares prazeres que são a melhor consolação do estudioso e do investigador vendo insuspeita e definitivamente confirmada a sua idéa ou a sua descoberta; não é somente esta pequena satisfação egoista, o que eu sinto em face das estampas d'estas duas pedras uma das quaes symbolisa e perpetua na memoria das gerações o esforço e a fé dos rijos navegadores portuguezes do seculo xv, e a outra caracteriza sympathicamente, para os que tem o culto e andam nas batalhas da justiça e da verdade da Historia, a adhesão intelligente e leal de um Imperador do seculo xix.

Certamente, é facil de comprehender o alvoroço alegre que experimentei quando me surpreendeu a breve noticia de um jornal de que um novo padrão de descobrimento portuguez fóra encontrado n'aquella obscura ponta da costa africana sob o nome desnacionalizado de Cape Cross arrumada geralmente nas carias modernas,

e quando, pouco depois recebia de Kiel, com as amáveis felicitações do honrado professor sr. Schepping, que não conhecia, a primeira leitura das inscrições que esse padrão conservava, testemunhando irrecusavelmente que até ali chegara Diogo Cão, como eu em 1892 deduzira.

Mas logo a essa satisfação se antepunha ou com ella se confundia gratamente a commovente surpresa de ver um prestigioso soberano, — dos que sabem comprehender e exercem a sua investidura como um dever proprio e não como uma chancellaria de politicos, — recolher e guardar, devotamente, aquelle tosco monolitho que affirmava altivamente a honra e o direito de uma nação estrangeira, fazendo-o reproduzir fielmente para que o *fac simile* continuasse, mais intelligivelmente, a perpetuar o nome do valente descobridor portuguez, onde elle o collocara ha 400 annos.

E para que a generosa resolução não faltasse o caracter authenticico e nitido de uma homenagem reflectida e sincera, a Agua Imperial não duvidou pousar modestamente no sopé da columna por baixo das Quinas de Portugal, como fazendo a guarda de honra a memoria do pequeno povo que deu a civilisação aquella mesma Africa d'onde a cubica e a intriga mais desalmada e injusta tem agora querido expulsal-o.

•
•

Refazendo e corrigindo o estudo das viagens e dos padrões de Diogo Cão, sobre a inscrição que tive a fortuna de pela primeira vez publicar, do padrão por elle collocado no Cabo de Santo Agostinho e sobre os documentos que, com essa inscrição, demonstravam irrecusavelmente que a descoberta do Zaire e da costa ao sul até aquelle cabo fôra anterior á data consagrada de 1484, procurei verificar igualmente quando fôra e até onde deitára a segunda viagem do ousado descobridor transmontano, atravez dos erros e das confusões de Pina, de Barros, de Duarte Pacheco, extraordinariamente aggravadas pela critica ora superficial, ora prevenida de alguns escriptores modernos.

Cheguei, então, á conclusão, que perfeitamente convencido não duvidei affirmar pela forma mais positiva e cathorica de que a segunda viagem e descoberta de Diogo Cão se realisara entre 1484 (depois de abril) e 1486, tendo alcançado o cabo ou ponta nas cartas modernas chamada *Cape Cross*, em 21°, 48' S. como sendo o extremo da antiga *Serra Parda*: o Cabo da Serra ou o mais moderno *Cabo da Cruz*.

Esta affirmação sendo realmente original e nova, pareceu a alguns paradoxal, posto que segundo os meus processos ou os meus habitos criticos eu sinceramente a tivesse deixado formar-se e definir-se pelo simples estudo comparativo dos textos e dos factos, em vez de, como fazem tantos, a derivar mais ou menos forçadamente de uma preocupação ou de um proposito de polemica e doutrina preestabelecida.

Recapitulando, pois, o resultado da minha investigação, dizia eu:

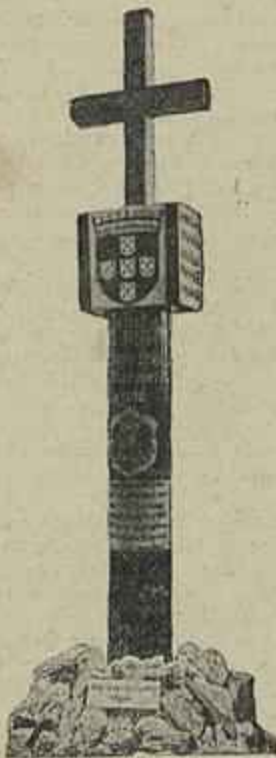
— «Parte... novamente, Diogo Cão, em 1484, depois de meado de abril; em principios de 1485 collocala no Cabo Negro (15° 40' 30'') um novo padrão, e passando além, prosegue na descoberta até a Serra Parda, ou Cabo da Serra. — *Cross Point* (21° 48') estando a expedição de volta a Lisboa em 1486.»

Da existencia n'este ultimo ponto, de um padrão ou de restos de um padrão, havia já vaga e antiga noticia. Era porem, assente, em copia de copia de mal definida e peor authorizado parecer, que esse devera ser o primeiro padrão erguido por Bartholomeu Dias, até que em 1893 o commandante do cruzador allemão *Falke*, o capitão de corveta, ou á nossa moda o capitão tenente sr. Beder encontrou e recolheu no Cabo *Cross* a historica pedra, n'um estado relativamente excellente de conservação, e tão excellente que pouco depois succedia com o padrão do Cabo *Cross* o mesmo que com o padrão de Santo Agostinho: entrando na Academia de Marinha de Kiel como este ultimo na Sociedade de Geographia de Lisboa, eram lidas com relativa facilidade as duas inscrições originarias que ninguem tentara decifrar ainda.

Igualmente fizera eu notar a diferença de forma e de acabamento artistico entre os padrões da primeira viagem cujo typo completo possuímos no *Santo Agostinho*, hoje acompanhado, na Sociedade de Geographia de Lisboa, por um troço ainda soffrivelmente caracteristico do de *São Jorge* ou do Zaire, e o padrão do Cabo Negro ou como podemos dizer agora, os padrões da segunda viagem: este e o do Cabo *Cross*.



Ora como se vê da gravura juncta, feita sobre as provas photographicas que o sr. Schepping teve tambem a amabilidade de enviar-me, o padrão recolhido, completa-nos realmente o typo dos padrões da segunda viagem de Diogo Cão, supprindo o estrago soffrido do nosso exemplar do Cabo Negro, cujas linhas, aliás, evidentemente reproduz.



E confirmando-nos esse typo, menos formoso e cuidado, do que o outro, resgata em parte a inexactidão dos velhos chronistas quando nos falam em *lettreiros* de mais de uma lingua n'esses monumentos, pois que se nos primeiros havia sómente uma inscrição portugueza, no do Cabo da Serra ou Cabo *Cross*, como naturalmente no do Cabo Negro ou nos da segunda viagem, a descoberta e posse affirmava-se realmente em portuguez e latim. Eram exactos Pina e Barros, n'este ponto.

(Continúa).

Luciano Cordeiro.



Recebemos e agradecemos:

Almanach dos Theatros, para o anno de 1896. Typ. de João Romano Torres. Rua D. Pedro V, 86, Lisboa.

Devéras gracioso o presente almanach, pois contem grande variedade de monologos, cançonetas comicas, poesias e diferentes produções humoristicas, satyricas, etc.

E' adornado com os retratos das atrizes portuguezas Palmyra Bastos e Amelia Barros e os dos actores Queiroz e Alfredo de Carvalho, todos actualmente no Brazil, onde grande parte da edição d'este apreciavel almanach tem encontrado o apreço que merece.

Catalogue, spécial pour l'Europe & les Colonies, Paris, Juillet, 1895. Félix Potin & C.^{ie} Rue Palestro, 20.

Recebemos este catalogo da grande casa exportadora Felix Potin & C.^a

Na enorme lista dos seus productos de distillação, conservas e chocolates apresenta a maior variedade. Estas fabricas, em Pantin, (Sena) e La Villette (Paris) são alem d'isso uns grandes entrepostos commerciaes.

Por curiosidade, para os nossos leitores, apresentamos extrahidos da secção competente os seguintes preços dos nossos mais conhecidos vinhos generosos, em francos:

Madeira, por garrafa.....	2,10
• superior, por garrafa.....	2,15
• velho, por garrafa.....	2,90
• superior, por garrafa.....	3,50
• muito velho, superior, por garrafa	4,50
Porto superior, tinto, por garrafa.....	2,15
• velho.....	3,50
• superior, por garrafa	5
• branco, por garrafa.....	3,50

Perguntaremos sempre:

— E serão legitimos, ou torpes imitações que nos desacreditem.?

Le Monde Moderne, Revue mensuelle illustrée, Septembre 1895. Quantin Editeur, 5, rue Saint-Benoit, Paris.

Lindissimo o numero que temos presente. A graciosa revista franceza, merece cada vez mais os elogios de todos os que apreciam as boas letras.

A escolha dos assumptos mostra bem a selecção com que é collaborada. E' um bom modelo para seguir.

O Instituto, revista scientifica e litteraria. Volume XLII. N.º 7 e 8 de 1895. Coimbra. Imprensa da Universidade.

Estes numeros inserem varios artigos, destacamos de entre elles os seguintes:

Conferencia de Vasconcellos Abreu, Fr. Bartholomeu dos Martyres por José Caldas, *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho, *Antonio Homem*, por Antonio José Teixeira, *Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro*, por Sousa Viterbo, *Aguas dos Poços do Porto*, por Ferreira da Silva, etc.

Revista Moderna. Alcançam ao n.º 23, os numeros que temos presentes. Continúa na sua linha de conducta merecendo o geral apreço de que se vê cercada. A escolha dos assumptos é cuidada e á altura da sua divisa:

«Bom senso e bom gosto.»

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está no prelo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recebem se annuncios, charradas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

Empreza do «OCCIDENTE»

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37